

LAVRA E BATEIA

Rogério Faria Tavares - Jornalista. Doutor em Literatura. Presidente da Academia Mineira de Letras - texto de estreia do autor no jornal "DIÁRIO DO COMÉRCIO", em novembro de 2016.

Existem aqueles que só se interessam por informações técnicas, consideradas úteis a seus interesses e aspirações profissionais. Outros só gostam de ficção, na crença de que é possível separá-la da realidade. Há, ainda, os que só leem aquilo que, pretensamente, contém mensagem edificante, de cunho religioso ou espiritualista.

A crônica não oferece nada disso. Modesta, ela ambiciona apenas lançar uma mirada diferente sobre as coisas, muitas vezes surpreendendo o leitor. O seu autor flana pela cidade e descobre fatos, lugares e personagens inusitados, nos quais as pessoas ainda não haviam reparado. Quando viaja pelo mundo, usa os mesmos óculos, procurando identificar o estranho, ou o insignificante, o que parece desprezível, o que está oculto e merece ser revelado. Se ele percorre os espaços da sua memória, também pode encontrar joias capazes de atrair a atenção do público. A infância e a juventude, por exemplo, são pródigas em proporcionar boas histórias. É preciso, porém, ter cuidado. O trabalho do cronista se assemelha ao do garimpeiro. Envolve lavra e bateia, disposição e paciência. Não é fácil descobrir pedras preciosas. É fundamental apurar o olho, o tato e o tino, aprendendo a distinguir o brilho verdadeiro do falso. A tarefa é desafiadora, mas vale a pena. A leitura da crônica entenece a alma, agrada a mente e relaxa o corpo. Quem não quer começar o fim de semana assim? É com essa motivação que passo a ocupar esse espaço no Diário do Comércio, toda sexta-feira.

Assunto é o que não falta. Belo Horizonte ainda é jovem, mas já viveu o suficiente para produzir material generoso. Coleciona fatos, lugares e personagens capazes de alimentar, com fartura, a imaginação de muitos cronistas. A prova está nos textos de Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Manoel Higinio dos Santos, Manoel Lobato, Roberto Drummond, Carlos Herculano Lopes, Humberto Werneck...

O planeta, por sua vez, é fonte inesgotável de inspiração. O olhar do estrangeiro é muito benéfico ao cronista, que pode ver de fora o que se passa dentro, sem os vícios típicos de quem é da terra, aceitando a incrível variedade de modos com que o ser humano e a sua cultura se expressam. Não acredito em autor que cultive preconceito ou intolerância. O cronista é vizinho e amigo do poeta. Ele não julga nem exclui. Ele é espanto e comoção. Compassivo e carinhoso, acolhe o espetáculo da vida em toda a sua grandeza.

Finalmente, também será inevitável falar sobre o que guardo nas minhas lembranças. Sem os passeios pelo tempo, é difícil viver, ou escrever. Como andar por BH sem recordar, sem me enxergar de novo menino, atravessando a rua de mãos dadas com meu pai? Hoje, sou eu quem pede a Carlos que me estenda as suas, para juntos cruzarmos a avenida movimentada. Um dia ele guiará o seu filho, e assim por diante. Passarei. Tudo passa.